A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Passou o Natal como passa tudo n'este mundo.

Já se não ouve por essas ruas o *glu glu* monotono dos perus vadios.

Nas egrejas sombrias e humidas calou-se de repente a voz do orgão. A carroça municipal recebeu no seu dorso os esqueletos descarnados das aves chorudas que serviram de repasto ao indigena gastronomo. As frasqueiras da opulencia bem jantada soffreram uma *razzia* que está a pedir novo reforço. Milhares de garrafas esvaziadas attestam, na sua mudez eloquente, que se festejou com largas libações o nascimento do Redemptor.

Das *vitrines* do Seixas, do Benard, da Aguia d'Ouro e do Mattos Moreira, desappareceu já aquella formosa *étalage* de brinquedos coloridos, que foi, durante alguns dias, o enlevo dos *bébés* boquiabertos e risonhos.

As arvores do Natal que ainda se erguem medrosamente ao canto das confeitarias, são umas arvores anemicas e enfezadas, pallido reflexo de festejos extinctos, symbolo emmurchecido d'uma data que passou.

E' FALSO COMO JUDAS!... (Quadro de A. Echardt)

O Natal não é a grande festa da humanidade, não: é a festa das creancinhas e a alegria dos velhos lambareiros.

A tradição diz áquellas que devem deliciar-se recebendo *étrennes* de bonecragem, e prescreve a estes que se rejubilem diante d'um bom perú recheado.

Comer e folgar, eis as supremas aspirações d'este seculo, de todos os seculos passados e futuros. Para fazer uma e outra cousa invoca-se a religião, como ás vezes se invoca a politica. Sim-

ples pretexto para encher decentemente os estomagos, sem reparo nem censura.

Quem não folgou, de certo, nem teve a confortal-a nenhum *menu* succulento regado a Champagne Clicot, foi a miseria, a negra miseria escondida nas aguas-furtadas.

Essa estalou de fome e de frio, como sempre, emquanto pelas casas de jantar do mundo feliz se espalhava a fumarada aromatica das iguarias appetitosas. Ninguem ouviu as suas queixas, porque eram soltadas de muito alto.

Outra miseria menos sympathica mas semelhantemente horrenda, a que vagueia pelas ruas, ao acaso, indecisa, rota, asquerosa, aguardava ás esquinas que os ricos passassem, que os mimosos da sorte acabassem de jantar. Tinha tambem fome .. o frio entorpecia-lhe os membros. . Lançava um olhar cupido para as *vitrines* dos *restaurants*, onde se viam amontoados fiambres, fructos, gulodices... Nas suas pupillas dilatadas lia-se como que uma ancia enorme de roubar tudo aquillo. Mas o roubo era a masmorra, a perda completa da liberdade.

Misera liberdade a que serve apenas para exhibir farrapos e para morrer faminto!

E ao passo quo a pobreza andrajosa teve mais um Natal de lagrimas, a loteria de Madrid vazou a sua cornucopia de venturas em muito lar cheio de conforto, avolumando a caudal de riquezas que corria para o bolso dos bemfadados.

Eu não fui dos felizes, juro-t'o. Decididamente a sorte grande é uma coisa que sae só aos outros, e não podia, portanto, vir para mim.

Se ella te bafejou, leitor, felicito-te, e invejo-te!

=O velho tribunal da Boa Hora deu-nos, no principio da semana, um julgamento importante, que chamou áquelle pardieiro remendado e vetusto enorme concorrencia de curiosos.

A proposito d'esse julgamento, em que foi reu um republicano sympathico, e defensor um jurisconsulto archi-illustre, tem-se por ahi discutido largamente, nos clubs e conventiculos politicos, o velho thema:—liberdade d'imprensa.

Todos affirmam que esta amplissima liberdade é perigosa, todos são concordes em asseverar que ella apressa a nossa decadencia evidente, mas todos, tambem, sem excepção de politica, vão tratando de a exercer muito ás escancaras, jacobinos e monarchicos, realistas e republicanos.

Haja algum que seja capaz de arremessar a primeira pedra!

Quanto a nós, o vicio alastrou-se por todas as camadas da imprensa periodica: não é privativo d'estas ou d'aquellas; não se manifesta mais repugnante nem mais asqueroso n'uma determinada parcialidade politica. Se ha peccadores—e ninguem ousará affirmar o contrario—todos nós temos peccado uma vez na vida, pelo menos, e não podemos decentemente imputar aos adversarios o previlegio do delicto.

Já em 1838 o eminente jornalista francez, Emilio de Girardin, fallando da liberdade d'imprensa, dizia:

«Sabeis em que consiste esta liberdade? Em não respeitar cousa alguma; em desprestigiar as instituições, os homens e as coisas; em desnaturar e obscurecer os factos; em negar o que é verdadeiro e affirmar o que é falso; em condemnar systematicamente o que fazem os governos; em tratar de tudo sem saber de nada; em propagar largamente todos os escandalos; em especular com a honra, com a vergonha, com o erro, com a verdade, com o bem e com o mal; em viver d'injurias e d'injustiças, de difamações e de calumnias.»

No anno da graça de 1884, passados mais de nove lustros, ainda a liberdade d'imprensa continua a ser definida da mesma forma. Toda a gente se reputa livre para injuriar e perverter, tendo a consciencia de que collabora n'uma obra de depravação torpissima.

Podem ser exclusivamente recriminados os republicanos? Não nos parece. Ha mais collaboradores no desprestigio d'esta instituição em que todos somos obreiros.

=Disse-te aqui ha tempos, referindo-me ao Gymnasio, que a immoralidade d'algumas peças ali representadas pervertia o publico. Um erro.

Quem desmoralisa o theatro, os artistas e os fabricantes d'aquellas peças é o publico citado.

Perdoe-nos o sr. Pinto e releve-nos Gervasio Lobato a nossa parvissima ingenuidade primitiva. Estamo-nos já penitenciando d'esse engano ledo e cego, que não durou muito, por fortuna.

Annunciaram-se em cartazes mirabolantes umas *Lulus* decotadas e impudicas, sem folha de vinha nem resguardos honestos, mais realistas que o proprio frontão municipal.

O jornalismo sério de Lisboa, offendido pela brutalidade d'aquellas scenas mais talhadas para alcouce que para theatro, protestou contra o desvergonhamento das *Lulus* pervertedoras. Não fallava em seu nome, porque se compõe quasi exclusivamente de homens, mas emittia o seu protesto em nome da sociedade, lembrando-se de que as casas de espectaculo são frequentadas pelas nossas irmãs, pelas nossas filhas, por muita esposa digna, a cujos ouvidos não chega, no lar domestico, a nota réles das licensiosidades mundanas.

Qual foi o resultado? O theatro encheu-se durante muitas noites consecutivas. A empreza, que esperava um protesto de pés a reforçar o protesto das pennas jornalisticas, teve um successo d'applausos e de receitas extraordinarias. Em vez de pateadas atroadoras, as *Lulus* alcançaram apotheoses soberbas.

E' a eterna historia do pomo vedado.

As indignações da imprensa serviram de *réclame* á peça, e o publico, sedento de escandalo, respondeu com uma gargalhada á ingenuidade parvoinha dos moralistas indignados.

Dias depois, o Gymnasio, para experimentar o gosto indigena e para nos provar, talvez, que foramos uns ingenuos, deu *La femme qui pleure et la femme qui rit*, quatro actos bem feitos, honestos e decentes, matizados de scenas commovedoras, onde transparece a mais sã moral.

Pois sabem o que fez essa creança caprichosa chamada publico? Não gostou nem applaudiu, aborreceu-se; teve gestos d'enfado diante do magistral desempenho da peça; achou insipida a bella prosa da peça; não consagrou applausos á esplendida creação feita pela actriz Barbara, que mais uma vez se revelou o primeiro talento do Gymnasio; reputou inverosimeis as situações, pouco natural desenlace, frio o dialogo, incorrecto o desempenho.

E que lhe faltava a pimenta dos ditos equivocos, a malagueta das phrases de bordel.

Dê-lhe obscenidades, sr. Pinto! Castigue-lhe as carnes com o latego do calão ordinario, e verá como se lhe enche a casa!

=Lembram-se da famosa Judic? Coitada!... Depois de ter sido aqui o alvo de estrondosas acclamações, soffreu em Paris revezes esmagadores.

Ninguem é propheta na sua terra!

Por não pagar uns quatro mil francos a certo credor implacavel, a pobre Mam'zelle Nitouche teve de ver vender em hasta publica o seu precioso palacio, com todas as recordações e bellezas que encerrava.

N'aquella encantadora vivenda admiravam-se, nos detalhes mais minusculos, o capricho e a imaginação da bella actriz franceza. Era um ninho de pombas, construido pelas suas mãos *potelées* e setinosas.

Havia ali de tudo, com uma profusão extraordinaria: mosaicos primorosos, tapetes flaccidos de Genova, uma orgia de *bibelots* e de porcelanas caras, tectos pintados a azul e oiro, bronzes soberbos, rendas da epocha de Henrique III, miniaturas preciosissimas do seculo XVIII, crystaes de rocha, quadros de todos os mestres, transparentes de seda da India, jardins de inverno com plantas dos tropicos, muita luz, muito conforto, muita elegancia.

E tudo aquillo foi parar ás mãos de estranhos, para o pagamento d'uma divida, os divans, os tapetes de velludo, as telas symbolicas, a sua alcova tão rica de recordações, onde devem respirar-se perfumes estonteadores...

Pobre Nitouche!

Ainda ella, ao menos, tinha que vender. Muitas das nossas actrizes mal tem com que comprar, coitadas!

C. DANTAS.

O DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO DO SR. BRITO ARANHA

Em 1876 escrevia eu o seguinte, no artigo em que commemorava o fallecimento do erudito bibliographo Innocencio da Silva:

«Se o sr. Brito Aranha, discipulo querido do grande bibliographo, podesse, de accordo com a familia, e na sua qualidade de testamenteiro, conseguir que se aproveitassem os trabalhos do incançavel escriptor, e que se salvassem do esquecimento, reunindo, em volumes preciosos para a nossa historia litteraria, os estudos dispersos por Innocencio em muitos periodicos do paiz, prestaria um verdadeiro e relevantissimo serviço ás boas lettras portuguezas».

O sr. Brito Aranha fez mais e melhor; aproveitando montes de apontamentos que Innocencio deixava, juntando-lhe os fructos excellentes da sua propria investigação, continuava o trabalho monumental interrompido pela morte, e continuava-o aperfeiçoando-o de um modo notavel, porque devemos dizer que o 10.º volume do *Diccionario*, escripto pelo sr. Brito Aranha, é de certo o melhor de todos, o mais abundante de noticias, o mais prestadio aos leitores. Quer isto dizer que o sr. Brito Aranha se avantaje a Innocencio em erudição e meritos de bibliographo? Não, de certo. Basta a gloria que a Innocencio cabe por ter levantado o edificio. Mas o edificio aproveitou muitissimo com os retoques e accrescentamentos do sr. Brito Aranha.

Estão publicados dois volumes da obra do sr. Brito Aranha: o 10.º encerra a continuação do *Supplemento*, o 11.º algumas emendas a essa mesma continuação e os *Indices*, trabalho indispensavel, improbo e esmagador, que facilita prodigiosamente a consulta do *Diccionario*, mas que o sr. Brito Aranha poderia ter deixado para o fim. Os estudiosos que precisam de consultar o

Diccionario cá se iam arranjando com os *Appellidos de authores portuguezes* do sr. Allen, e escusava de apparecer no meio dos volumes do *Diccionario* este volume de *Indices*, que ha de ser forçosamente completado no fim da publicação, sendo assim necessario saltar de volume para volume para consultar o *Indice*, sem fallar nas confusões que tambem resultam da dispersão dos *Additamentos*. Hoje, quem quer ter a certeza de que leu tudo quanto o *Diccionario bibliographico* tem a dizer-nos ácerca de um author que se chame Henrique de tal, tem de fazer o seguinte: consultar o vol. 3.º, ir depois aos additamentos d'esse mesmo volume, correr em seguida ao vol. 10.º, sem deixar de ir depois aos additamentos, não esquecendo ainda a consulta do vol. 11.º *in fine*.

São pequenos inconvenientes que em obra de tal utilidade nem merece a pena indicar.

Agradou-nos porém de tal forma o trabalho do sr. Brito Aranha, que tomámos a deliberação de lhe communicar por este meio, de envolta com as nossas sinceras felicitações pela sua excellente obra, as notas que fomos escrevendo á margem dos seus dois volumes, o ultimo dos quaes acaba agora mesmo de se publicar. As notas, que por ora temos ido escrevendo, são as seguintes:

Henrique Barbosa Gonçalves Moreira.—Além da obra que o sr. Brito Aranha cita, este escriptor já publicou mais algumas; como a nota é escripta ao correr da penna, não lhe podemos indicar os titulos. Esta advertencia basta para que o sr. Brito Aranha investigue.

Henrique Corrêa Moreira.—Nem no vol. X., nem no vol. XI mostra o sr. Brito Aranha saber que este escriptor, que ha pouco morreu no Brasil, foi um poeta que teve entre nós a sua hora de popularidade. Era no tempo dos homens fataes, dos desilludidos, dos romanticos de labio desdenhoso. Henrique Correia, estudante de Coimbra, afinou pelo diapasão geral, e deu a nota que o seu tempo desejava. Escreveu o *Sceptico:*

> Formosas crenças de outr'ora
> De vós que resta? não sei!

Todas as meninas do seu tempo se enthusiasmaram por essas redondilhas. Quando se pedia nas salas que se recitasse uma poesia, o primo da casa mettia os dedos nos longos cabellos, que sacudia depois com um gesto byroniano, passava a mão pela testa como para dissipar as nuvens de uma amarga tristeza, e começava, com o labio arregaçado por um sorriso sarcastico:

> Formosas crenças d'outr'ora
> De vós que resta? Não sei.
> Já me illudistes; agora
> Para sempre vos deixei.

Pois o poeta fatal, o poeta da moda era esse Henrique Correia, que partiu depois para o Brasil. Como é ephemera a popularidade! Ha vinte annos, quando se fallava em Henrique Correia, diziam todos, moços e velhos, ignorantes e sabios: Ah! sim! o auctor do *Sceptico!* Hoje, um bibliophilo eruditissimo escreve o nome de Henrique Correia sem suspeitar sequer que fôra elle por muito tempo, segundo era moda então dizer-se, o *Byron portuguez!*

Adiante.

No vol. X e no vol. XI citam-se as duas obras officiaes *O Imperio do Brasil na exposição universal de Paris*, e o *Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna*. Faltou citar a terceira, que é a mais recente e a mais notavel das tres: *O Imperio do Brasil na exposição de Philadelphia em 1876*.

João Anastacio de Sequeira.—Falta a nota de haver fallecido em 1884, sendo cirurgião-mór de infanteria 5.

João Antonio dos Santos e Silva.—Entre as obras impressas d'este eloquentissimo tribuno, falta ainda citar a seguinte, cuja descripção bibliographica aqui damos:

Discurso proferido na camara dos senhores deputados nas sessões de 24 e 25 de janeiro de 1873 por João Antonio dos Santos e Silva, deputado pelo circulo de Abrantes.—Folheto de 59 paginas.—Lisboa. Imprensa Nacional, 1873.

Fr. João Jacyntho.—Em livro como este, em que o sr. Brito Aranha accumulou tantas noticias curiosas, folgariamos de encontrar a picaresca descripção que d'este frade faz nas suas admiraveis *Cartas* a respeito de Portugal o celebre viajante inglez William Beckford, que o ouviu prégar um sermão.

D. João Pedro da Camara.—Falta a noticia de que morreu a 13 de fevereiro de 1884.

João da Silva Mendes.—Falta a noticia da obra mais importante d'este cavalheiro tão estimavel e tão estimado, verdadeiro modelo de fidalga bizarria, e de gentilissimas maneiras. Não podemos dizer o titulo, porque repetimos que todas estas notas são feitas de cór, mas historia a rendição da praça de Almeida e trata de rehabilitar a memoria de um militar portuguez injustamente accusado.

Pequenas indicações são estas e de pouquissima monta, mas que mostram em todo o caso o cuidado com que temos folheado o livro e o interesse que elle nos inspira. A' medida que o continuarmos a folhear, segundo as necessidades dos nossos estudos, iremos collecionando as observações que nos acudirem e que transmittiremos ao nosso illustre confrade quando algum novo volume fôr sahindo.

E' rico este tomo X do *Diccionario* em noticias biographicas que faltavam, não sabemos porque, nos tomos redigidos por Innocencio. Pois o seu illustre antecessor, Barbosa Machado, não lhe legára esse exemplo. Tambem não era menos estranho o exclusivismo de Innocencio, que não dava conta senão de obras escriptas em portuguez, ficando assim incompleta a noticia bibliographica referente a qualquer auctor, que tivesse escripto em portuguez e em latim, e que muitas vezes, n'esta ultima lingua, teria composto exactamente as suas obras mais notaveis.

Vae-nos parecendo que o sr. Brito Aranha não quer seguir esse systema, e com isso folgamos devéras, como folgámos ao ver que a obra monumental de Innocencio encontrára tão eximio e laborioso continuador.

PINHEIRO CHAGAS.

O P ESO

> Ao teu *bas*[illegible] ao teu cão,
> Dás tu mil beijos d'amor,
> Estreitando-o com fervor
> De encontro ao teu coração.
>
> E a mim, que te adoro, então
> Quando um beijo por favor
> Te supplico, Leonor,
> Com desdem dizes-me não!
>
> E este desprezo sem fim
> Do *não* sempre para mim,
> E os beijos para *elle* só,
>
> Faz-me a tal ponto soffrer,
> Que até chego a appetecer
> A sorte do teu totó!

Lisboa, 3—12—84.

ARNALDO ARMANDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

E' FALSO COMO JUDAS!...

Custou a ganhar aquelle dinheiro. Alcançou-se a troco de muitas noites perdidas n'um trabalho d'agulha fatigante: representa largas horas d'amargura e de cansaço.

A doce alegria de o possuir fez, porém, esquecer todo o soffrimento passado. Houvesse com que matar a fome, e o mais pouco importava. Podessem com elle pagar-se as dividas, e extinguir-se-ia depressa, como um sonho mau, a lembrança de todos aquelles tormentos enormes.

A primeira a ser contemplada na distribuição dos parcos haveres foi a sordida velhota do quadro, uma feia megera com espelunca de prégo clandestina.

Alma de fel e coração de panthera, a tia Monica emprestava, por *grande favor*, a oitenta por cento ao anno.

Quem não quizesse não lhe fosse bater á porta.

Depois de contar e tornar a contar dezenas de vezes os juros recebidos, a velha agiota procedeu á analyse de cada uma das moedas, piscando o olho direito prescrutador atravez dos oculos ante-diluvianos.

No fim de escrupuloso exame teve um risinho de mofa, e exclamou para a pobre rapariga petrificada:—Este é falso como Judas!

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR

Amavam-se. Consequencias d'um baile.

Mas a coisa não tinha passado, até áquelle dia, d'olhadellas a furto e de meias palavras proferidas medrosamente.

Elle era um pouco timido. Ella sahira do collegio e deixara pouco antes os trajes infantis.

O acaso, porém, o acaso protector dos namorados, fel-os aproximar á beira d'um regato, sob as olaias floridas e discretas.

Influencia do local, ou fosse pelo que fosse, elle encheu-se de coragem e vibrou-lhe uma declaração d'amor á queima roupa. Ella ruborisou-se,—não tinha nunca ouvido aquellas coisas estranhas—mas a timidez foi-se pouco a pouco extinguindo, vieram os juramentos solemnes, as phrases do costume, a genuflexão dos casos graves, a permuta d'allianças, a troca de confidencias intimas, e... no fim d'um anno estavam casados.

Nem a todos quantos fallam d'amor á beira dos regatos succede o mesmo. Questão de sorte.

UMA DECLARAÇÃO D'AMOR (Quadro de Paulo Thumann)

UMA SORTE DIFFICIL

(Quadro de Kl. Wagner)

UM BELLO ENCONTRO (Quadro de Hugo Konig)

UM BELLO ENCONTRO

Encontros d'aquelles só os aprecia devéras quem se vir em circumstancias identicas, abrasado pelo sol do estio, cheio de cansaço por uma andadura de muitos kilometros, a trote e a galope, sobre velhos caminhos pedregosos, atravez de extensos bosques e aridos matagaes.

Ter, ao mesmo tempo, quem nos dê uma sêde d'agua bemfaseja e quem nos offereça dois meigos sorrisos em tal conjunctura, é caso para sentir jubilos ineffaveis, principalmente quando sorrisos e agua são prodigalisados por labios e mãos de mulher bonita.

Se a condescencia vae até ao ponto de offerecer um osculo retinido, então... é oiro sobre azul.

Parece-nos que a rapariga da gravura está disposta a conceder o cubiçado beijo.

UMA SORTE DIFFICIL

E' difficil e arriscada, mas não faltam ao afamado *diestro* os dotes indispensaveis para se sair bem d'ella.

Sobejam-lhe valor, destreza e serenidade. Foi sempre vencedor nas luctas gigantes da arena, abandonando-a victoriado pelos enthusiasmos calorosos da multidão.

Um verdadeiro artista.

ARCOS DE VAL DE VEZ

A villa dos Arcos de Val de Vez está situada na provincia do Minho e pertence ao districto de Vianna.

O terreno é accidentado mas fertil. Tem uma ponte de cantaria sobre o rio Vez.

Alguns factos importantes de que ella foi theatro a tornaram celebre nos annaes da historia patria. O primeiro foi a batalha que ali se deu entre D. Affonso Henriques e D. Affonso VII de Castella e Leão, em junho de 1129.

Os seus arrebaldes são amenos.

Até ao fim do seculo XV chamou-se *Val de Vez*. Quando, porém, ali passou D. Manuel, os moradores armaram grandes e pomposos arcos, e o monarcha ordenou que ficasse denominada *Arcos de Val de Vez*. Alguns escriptores querem que a denominação lhe provenha dos muitos e solidos arcos sobre os quaes está assente a praça.

O pelourinho é dos mais sumptuosos.

A origem da villa quasi que se perde na noite dos tempos. Attribuem-a aos Gallos-Celtas, 350 annos antes de Christo.

A egreja da Misericordia é uma das melhores de toda a provincia.

Tem tres praças notaveis: a da egreja matriz, a da camara e a de S. Braz.

Foi patria de muitos homens celebres, como João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira, o dr. Bernardino Antonio Gomes, e outros.

O titulo de 1.º conde dos Arcos foi concedido por Filippe III a D. Lourenço de Brito e Lima.

As armas da villa são as quinas de Portugal entre uma esphera armilar e uma cruz de Christo, divisas de D. Manuel.

As ruas são lageadas e todas as casas de cantaria lavrada.

O concelho tem 6:500 fogos e a comarca 9:540.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

SEM RIVAL. Lisboa.—O enigma é bom. Pode repetir a remessa e será bem recebido.

SAUTERELLE.—Charadas e adivinhas populares são duas coisas distinctas. Das primeiras temos volumes. Das ultimas não ha tamanha abundancia, mas, em todo o caso, não foi a escassez do genero que motivou a repetição. O sr. *Sauterelle* nunca errou?

S. B.—Lisboa.- São correctos os seus versos, mas não nos parecem compativeis com a feição d'este semanario. Ficam melhor n'um jornal burlesco, pelo seu feitio de gazetilha. Concorda?

EXPEDIENTE

Nenhum manuscripto enviado a esta redacção será restituido ao seu signatario, mesmo que se não publique.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta flor junta a uma composição lyrica dá uma arvore—2—3.

Faz bem a este mal o meu protector—4—1.

O professor corre porque possue este livro—4—2.

UM ASSIGNANTE.

Sendo virtude esta flor é prospera—1—1.

Na musica esta conjuncção é appellido—1—1.

Esta preposição vê-se n'uma flor que não é minha mas que duradoura—1—1—2.

ANGRENSE.

Na musica esta cidade é villa 1—2.

Porto. J. C. VASQUES.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas cidade—2.

A's direitas montanha e ás avéssas pula—2.

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÓRDIA.

EM TRIANGULO

. . . . Instrumento cortante
. . . . . . Mulher
. . . . . Nas arvores
. . . . Nos exercitos
. . . Flor
. . Verbo na 3.ª
. . Artigo

Braga. AUGUSTINHO D'ALAMÓRDIA.

EM VERSO

(A Annibal Trigo)

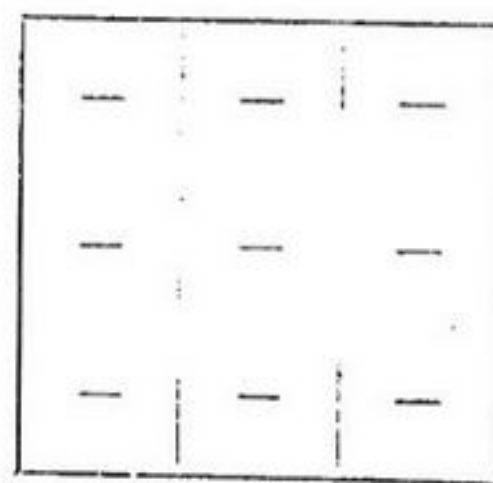
Este adjectivo francez—1
Com este triste animal—2
E' uma villa, meu caro,
Das villas de Portugal.

Porto. J. C. VASQUES.

Aqueço e conforto.—2
Sou centro de lida.—3
Se esta te falta,
Não reges a vida.

Monchique. S. GALVÃO.

EM QUADRO

(Por syllabas)

CHARADA CALEMBOUR

Diminuindo — No carcere—2—2.

F. COELHO.

QUEBRA-CABEÇAS

Com as vogaes a, e, i, o, u, empregando duas vezes uma d'ellas; e com as consoantes c, d, r, s, sendo uma d'estas repetida, formar uma palavra de onze lettras.

Formar uma palavra de oito lettras, em que entre uma só vogal e as consoantes r, p, m, repetidas—vogal e consoantes—tantas vezes quantas fôr necessario para se obter o fim proposto.

Bensafrim. G.

LOGOGRIPHOS

Nome de homem—2—3—4—5—11—3
Nome de mulher—7—2—11—3—2
Nome de homem—2—7—10—3—4—6
Nome de mulher—9—2—3—4—5—2

Nome de homem - 4—5—8—9—10
Nome de mulher—1—10—3—4—5—2

Nome de homem

Mertola. A. M. C. Junior.

(Aos meus patricios)

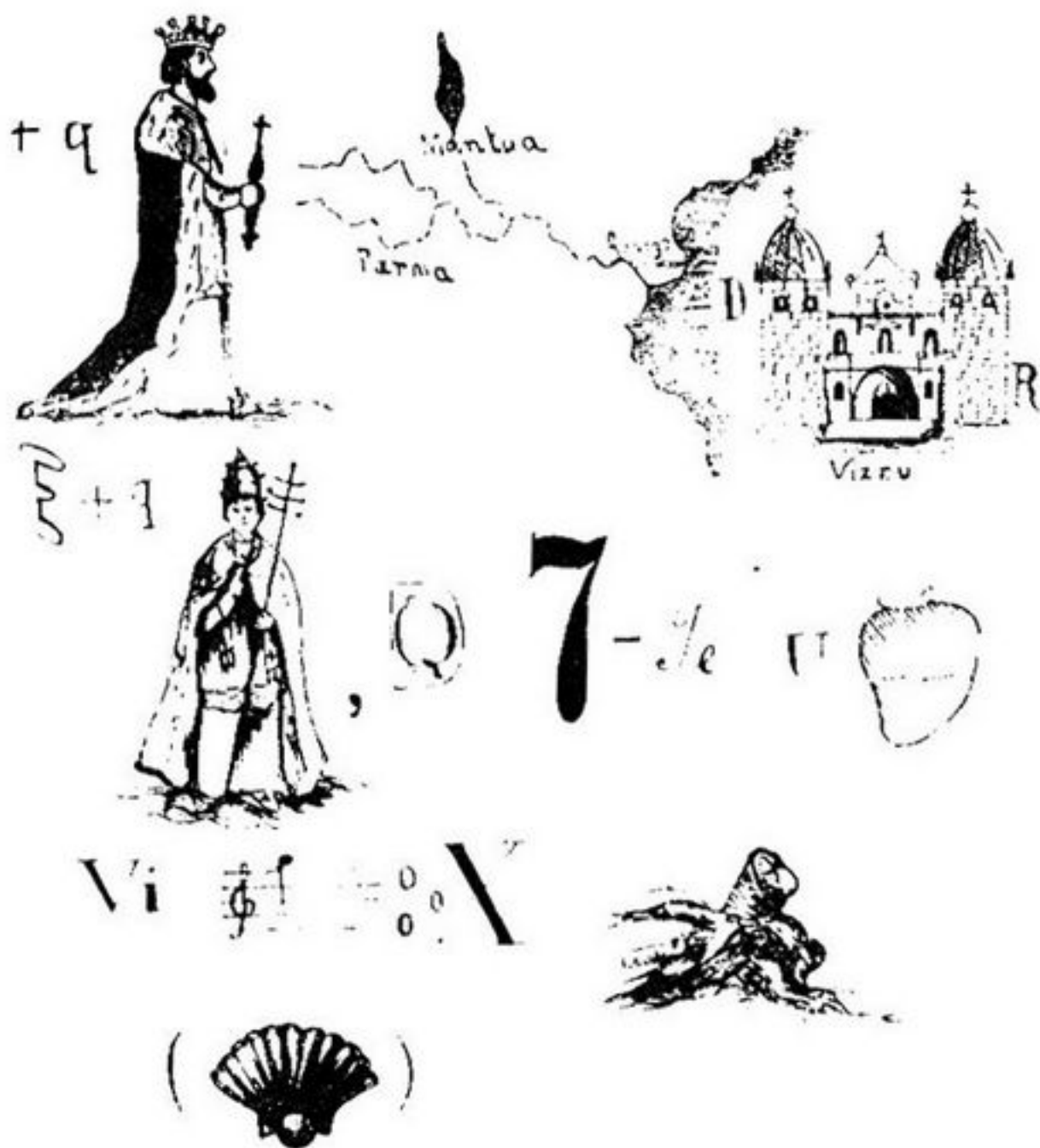
Uma planta que dá flor—3—2—3—6—8
E que n'um altar se vê—6—8—3—7—2
Irrompe com arremesso—1—2—3—6—8
No mappa, aonde se lê—3—7—4—5—2

E' um nome bem bonito:
Talvez... basta! tenho dito!

(A primeira pessoa que apresentar a decifração d'este logogripho na pharmacia da Misericordia de Santa Comba Dão, receberá ali, em premio, um exemplar do livro *No theatro e na sala*).

Santa Comba Dão. Estacio.

ENIGMA PITTORESCO

N.º 7

Bensafrim. G.

PROBLEMA

Proposto por Busschop

Decompôr um quadrado em 8 partes taes, que sendo convenientemente reunidas, formem separadamente dois quadrados, um dos quaes seja o dobro do outro.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Dominó—Cravoilha—Henriqueta—Carlos Magno—Novara - Soria—Diario—Cantochão—Parlamento—Pará.
Do logogripho:—Logogripho.
Do enigma em acrostico:—Thiophilo Braga.

A RIR

Um director de certo jornal americano é accommettido d'uma apoplexia fulminante, momentos antes da tiragem do seu periodico.
A familia do enfermo diz que vae mandar chamar um medico, para o fazer viver mais duas horas.
O moribundo, muito sereno:
—Mais duas horas? N'esse caso dariam os jornaes da noite a noticia da minha morte em primeira mão!... Nunca!...
E morreu heroicamente.

*

Epilogo d'uma conversação:
—Fulano é tão mentiroso que nem mesmo podemos acreditar o contrario do que elle diz!

*

—Mamã, porque é que os anjos são sempre rapazes e nunca raparigas?
A mãe, depois de ter reflectido um instante:
—Para evitar os escandalos no Paraiso.

Um Dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA OBTER AGUARDENTE DE BAGAÇO DE UVA, SEM SABOR DESAGRADAVEL

No fabrico da aguardente de bagaço de uva é costume geralmente adoptado sujeitar este em substancia á distillação, obtendo-se assim uma aguardente de um sabor empyreumatico, sómente toleravel pelos paladares grosseiros ou estragados.
Para obter aguardente de melhor qualidade recommenda-se o seguinte: tratar o bagaço por agua tépida, deixando que elle soffra uma nova fermentação; d'aqui um vinho frouxo, que, distillado, dá uma aguardente de boa qualidade.
Se se quizer aproveitar depois o proprio bagaço, obter-se-ha uma aguardente inferior, que póde, todavia, melhorar-se consideravelmente, redistillando-a, filtrando-a por fitas de madeira de freixo, e desprezando o primeiro e ultimo producto—cabeça e cauda da distillação.

O HOMEM DE NEVE

(JEANNE THILDA)

Pam! pum! os projecteis choviam, o inimigo foi bombardeado: as assaltantes riam a bandeiras despregadas: as bolas de neve, derretendo-se, encharcavam o fato, que pingava por todos os lados: córadas, animadas, as faces incendidas, as mãos sem luvas para melhor construirem o boneco, que se elevava no meio do jardim, Luiza e Margarida,—Luiza, sou eu—lançavam gritos de triumpho diante da obra prima, que tinha o bonito aspecto de um enorme espantalho.
Acabavam de arranjar-lhe as mãos, e na cabeça collocaram-lhe um grande chapéo de palha esquecido, desde o verão passado, em um canto do pateo: parecia um grande urso erguido nas patas trazeiras: depois de lhe desenharmos as sobrancelhas a carvão e de lhe fazermos a bôcca com um bocadinho de panno encarnado, o boneco ficou tão horrendo, que Margarida, que ia fazer seis annos, abraçou-se a mim, tremula de susto.
Como eu já era uma mulhersinha de quinze annos, tranquillisei-a, atirando-lhe um torrão de neve á cara: ella correspondeu-m na mesma, e eis-nos correndo uma atraz da outra, bombardeando-nos mutuamente, atravez de gritos e de gargalhadas!
De repente, parámos aterradas! Uma grande bola de neve, mal dirigida, saiu pela grade do portão e foi achatar-se na cara de um sujeito que passava na estrada: o sujeito estacou, atordoado, sacudiu-se, e depois de ligeira hesitação, puchou pelo cordão da campainha.
Calcule-se a nossa afflicção! Vinha queixar-se á mamã, não havia que duvidar; as duas irmãs, pallidas, commovidas, encaram-se com um desespero mudo. Margarida, pensando apenas em salvaguardar a sua pessoa, fugiu para casa, deixando Luiza sósinha, na espectativa de um acontecimento terrivel, invocando toda a sua coragem para affrontar o inimigo que se approxima!
O inimigo, porém, não era nada assustador: moço, phisionomia affavel, faces pallidas e um bigode russo: transparecia nos seus movimentos um acanhamento, que me tranquillisou um pouco: dirigi-me ao seu encontro, dispondo-me a pedir-lhe desculpa do nosso estouvamento: n'essa occasião, elle tirou o chapéo e perguntou-me, com expressão timida, se a sr.ª de B... morava ali.
—Sim senhor, respondi, contrariada: mas faz mal, insistindo em queixar-se: Margarida é uma creança, que atirou a neve sem saber ..
N'este ponto fui interrompida pela voz da mamã, que gritava do pateo: «Entre, sr. Dufour, julguei que já não viesse: vou apresentar-lhe as minhas rapariguinhas, suas novas discipulas!»
O sr. Jorge Dufour, o homem da bola de neve, era o explicador de meu irmão Paulo, que deveria dar-nos, a mim e a Margarida, lições de grammatica e de francez.

*

Paulo era um discipulo mediocre, que preferia uma partida de

bilhar á descripção das façanhas de Roland em Roncevalos. Margarida, muito creança, bocejava e adormecia no meio da lição. Só eu escutava attentamente o professor; experimentava um prazer extremo em ouvir a sua voz, um pouco arrastada, e quando os seus olhos azues se fixavam nos meus, sacudia-me um calafrio de um encanto singular; admirava as suas mãos apuradas e as suas gravatas presas por um alfinete de coral; parecia-me elegante e distincto, e eu perguntava a mim mesma em virtude de que capricho da sorte estaria esse homem, bonito e instruido, reduzido á humilde tarefa de ensinar tres incorregiveis preguiçosos a conjugarem verbos irregulares.

E todavia, eu não era preguiçosa; passava as noites a copiar themas, a cumprir os meus deveres para agradar ao sr. Dufour, e quando elle me dizia: «Muito bem, menina Luiza, estou satisfeito», parecia-me que me nasciam azas.

Não tardou que o meu caracter mudasse completamente: não podia supportar os brinquedos no jardim; alcançara licença da mamã para usar vestidos compridos, e passeava vagarosamente nas avenidas, de livro na mão, meditando n'aquelle que enchia a minha vida.

Ia fazer dezeseis annos, era bonita, fallava-se na cidade dos meus olhos côr de avellan e dos meus cabellos loiros; a nutrição ainda não tinha chegado, mas Jorge devia saber que os contornos não deixariam de accentuar-se.

ARCOS DE VAL DE VEZ

Porque não me amaria elle?

Minha mãe dizia, a quem queria ouvil-a, que era bastante rica para deixar ás filhas ampla liberdade na escolha dos seus maridos. Eu poderia, por conseguinte, fazer a fortuna de Jorge, arrancal-o á miseria! A este pensamento o meu coração palpitava, os olhos enchiam-se-me de lagrimas! O nome Dufour parecia-me o mais sonoro de todos os nomes.

O meu unico pezar provinha da timidez do meu namorado: Jorge nunca me fizera a menor declaração, e quando as nossas mãos se encontravam, era tal a minha perturbação que não tinha consciencia se elle me apertava ou não os dedos.

*

Um dia de verão, ao regressar da cidade, atravessei o jardim: pareceu-me ouvir pronunciar o meu nome em um pequeno kiosque, contiguo ao pomar; approximei-me e reconheci a voz da mamã e a de Jorge.

—Sim, dizia a mamã, sei quanto o senhor a ama, mas, por Deus, espere ainda alguns dias; é preciso annunciar a Luiza o grande acontecimento; ella é tão creança que não sei como hei de dizer-lhe...

—A menina Luiza é tão boa para mim.

—E' verdade, volveu a mamã, pois bem! fallar-lhe-hei esta mesma noite.

Não querendo ser surprehendida em flagrante delicto de espionagem, fugi apressadamente.

De resto, tinha ouvido o sufficiente; a mamã consentia; referira-se ao amor de Jorge; julguei que enlouquecia de alegria, e encontrando Margarida, que corria para mim, abracei-a apaixonadamente e desatei a chorar.

A' noite, na occasião em que Jorge se dispunha a recolher-se ao seu quarto, pedi-lhe que me acompanhasse um momento ao jardim.

Elle mostrou-se um pouco admirado, mas condescendeu; descemos ambos as escadas do terraço.

A noite tinha o encanto penetrante que a natureza parece reservar aos que se amam. Os cytisos, de cachos doirados, scintillavam no escuro; as roseiras e os geraniums impregnavam o ar com os seus aromas suavissimos, o céo tinha a pureza do crystal, e cada brisa que soprava espalhava no chão as petalas brancas de uma acacia em flôr.

Elle offerecera-me o braço, caminhavamos lentamente, desejava ouvir da sua bocca a divina confissão, na qual se acredita tão facilmente aos dezeseis annos: visto que elle ia ser meu marido, queria gosar o jubilo de lhe dizer quanto o amava.

Jorge foi o primeiro a quebrar o silencio.

—Disse que queria fallar-me, menina Luiza, murmurou docemente.

—Sim, sr. Jorge, ou antes desejava escutal-o; já não sou uma creança, e confesso-lhe que ouvi no kiosque...

A minha perturbação não me deixou concluir.

—N'esse caso, volveu Jorge, não ignora quanto me custa deixal-os, a si e a Margarida e Paulo.

—Deixar-nos, exclamei assombrada, e porque, grande Deus?

Apertei-lhe o braço com extraordinaria vehemencia, a lua devia illuminar o meu rosto branco; elle teve um brusco sobresalto, como alguem que descobre um facto inesperado, e pegando-me na mão, levou-me para a sala, onde minha mãe bordava:

—Minha senhora, disse Jorge, que tambem me pareceu muito pallido, queira ter a bondade de explicar á menina Luiza o motivo, em virtude do qual sou obrigado a ausentar-me.

A mamã levantou os olhos para nós, e vendo que a minha mão ficára na de Jorge:

—Sim, é triste, bem sei; entendiam-se perfeitamente; mas é preciso resignares-te, Luizinha; elle não te deu a noticia: é pae, desde hontem, o pobre Jorge, e quer ir reunir-se a sua mulher; bem comprehendes que não devemos ser egoistas...

De subito, minha mãe calou-se; o olhar desvairado, pallida como a renda que tinha na cabeça, lancei uma gargalhada estridente e aguda como o grito de um animal ao degolarem-o, e cahi no tapete, estorcendo-me, nas convulsões de um ataque de nervos.

*

A neve cahe abundantemente no jardim, uma figura branca ergue-se no meio da relva: gritos, gargalhadas resoam, chamando-me á janella: «Venha ver, avósinha, depressa: venha ver o homem de neve!» e os meus netos, rosados, sacudindo as cabecitas loiras, para fazerem cahir os flocos de neve, atiram-me beijos nas pontas dos dedos enregelados. Contemplo o boneco e recordo-me! Os meus labios enrugados tem ainda um sorriso para esse juvenil amor, desabrochado sob a neve e morto no meio das flores.

Requiescat in pace!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa